

PROJETOS HUMANOS VERSUS VONTADE DIVINA



"Certa vez, depois que comeram e beberam em Siló, Ana se levantou. O sacerdote Eli estava sentado ao lado da entrada do templo do SENHOR. Ana estava muito angustiada e chorava sem parar enquanto orava ao SENHOR. Então fez o seguinte voto: 'Ó SENHOR dos Exércitos, se olhares com atenção para o sofrimento de tua serva, se responderes à minha oração e me deres um filho, eu o dedicarei para sempre ao SENHOR, ...'" (1Samuel 1.9-11 – Nova Versão Transformadora)

1. INTRODUÇÃO

O primeiro capítulo de 1Samuel registra um emocionante período da história de uma família israelita. Mais precisamente, o texto bíblico descreve parte da vida de Ana, uma das duas esposas de Elcana, que também era marido de Penina – o motivo será explicado posteriormente. A família de Ana era piedosa e temente a Deus. Elcana era levita (cf. 1Crônicas 6.26, 33) e Ana, apesar de pertencer a uma sociedade que estava em declínio espiritual e moral, permanecia forte na fé e era fiel em sua peregrinação anual para adorar a Deus no Tabernáculo (cf. 1Samuel 1.1-5). Mesmo com particularidades e identidade própria, a família de Ana era basicamente como as demais famílias israelitas daquela época, isto é, com alegrias e tristezas, dificuldades e desafios e, principalmente, com sonhos e projetos.

Sonhar, projetar, tem a ver com transformar em realidade no tempo presente, algo que existe apenas em nossa imaginação, como parte de um futuro ainda não alcançado. Na vida de algumas pessoas, há o projeto de constituir uma família. Outras, sonham em conquistar um imóvel, um veículo próprio ou melhorar a atual condição financeira. Também têm aquelas que almejam a restauração da saúde física ou do bem-estar pessoal. Mas de forma geral, todos nós sonhamos com alguma coisa, projetamos alguma coisa – seja em escala maior ou menor.

Nem todo sonho se torna em realidade, mas não há realidade que não seja produto de um sonho. De modo que não morremos quando a morte chega, mas quando nossos sonhos se vão. Em outras palavras, quem não sonha, morre. Os que param de sonhar, deixam de viver e passam apenas a existir. Transformam-se em “caixões existenciais” e passam a abrigar cadáveres de si mesmos. É gente que exteriormente parece viva, mas interiormente, está morta há tempos, pois não cresce, não amadurece, não frutifica. São seres amumiados, presos em sarcófagos de uma vida existencial meramente contemplativa. Portanto, viva! Idealize, planeje e ponha tudo diante do Senhor, uma vez

que a concretização dos nossos sonhos é feita por Ele (cf. Provérbios 16.1) – que ainda é capaz de amplificar o horizonte dos nossos projetos e “realizar infinitamente mais do que poderíamos pedir ou imaginar” (Efésios 3.20 – NVT).

De volta ao texto bíblico, vemos que o sonho de Ana era ser mãe – “se responderes à minha oração e me deres um filho” (v. 11). No período bíblico, as mulheres tinham basicamente duas funções: cuidar da casa e gerar filhos. Não ter filhos era considerado uma desgraça para qualquer mulher nos tempos do Antigo Testamento. A esterilidade era vista como maldição (cf. Oséias 9.11, 14) ou punição divina (cf. Gênesis 20.17-18).¹ Todo judeu ambicionava filhos. Na realidade, procriar era o maior alvo do casamento. Todo casal desejava ser lembrado pelas futuras gerações. Somente através de descendentes isso era assegurado. De certa forma, para o judeu, parte do “conceito” de eternidade residia na ideia de que o pai “viveria” através dos “olhos” dos filhos e, futuramente, através dos filhos destes.² Porém, Ana era estéril, não conseguia ter filhos. Na realidade, de acordo com a narrativa bíblica (vv. 5-6), Ana não sabia, mas era Deus quem a impedia de engravidar.

Deus ser o causador da infertilidade de uma mulher como Ana – que era fiel e obediente a Ele – é algo difícil de imaginarmos. Mais difícil ainda é compreendermos os motivos que fizeram Deus agir dessa forma. Porém, o mais complexo de tudo isso é aceitarmos o fato de que, por analogia, a realidade vivida por Ana tende a se repetir na vida de alguns de nós. Por razões que desconhecemos, às vezes somos impedidos por Deus de trazer à existência projetos pessoais guardados no coração há muito tempo. Independentemente do esforço que façamos, é possível que alguns dos nossos sonhos não cheguem à luz por terem sido abortados por Deus. À semelhança do que ocorreu com Ana, talvez em nossa vida também haja embates entre os nossos projetos pessoais e a vontade soberana de Deus.

Sendo assim, como devemos nos comportar diante de um antagonismo entre a “arquitetura humana” e a “engenharia divina”? **O que fazer quando é Deus quem impede a realização dos nossos sonhos e projetos?** Como entender que, às vezes, a interrupção dos nossos sonhos, a paralisação dos nossos projetos, são obras de um Deus que por natureza é bom (cf. Salmos 73.1), mas aos nossos olhos, age como se fosse mal? É o que veremos a seguir.

2. O RECONHECIMENTO DA INCAPACIDADE HUMANA

Em primeiro lugar, **precisamos reconhecer a incapacidade humana diante de algumas situações.** Como mulher sem filhos, Ana é identificada na narrativa bíblica (v. 2) como a “primeira

¹ COMFORT, Philip W. & ELWELL, Walter A.. *Dicionário bíblico Tyndale*. Trad. Jorge Camargo, José Fernando Cristófal, Marília Peçanha, Lena e Regina Aranha e Hilton Figueiredo. Santo André: Geográfica, 2015. 618 p.

² TENNEY, Merrill C.; PACKER, J.I.; WHITE JR, William. *Vida cotidiana nos tempos bíblicos*. Trad. Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 1982. 58 p.

esposa” de Elcana que, aparentemente, optou por uma segunda esposa somente para gerar filhos – procedimento legalizado em Deuteronômio 21.15-17³, no caso da mulher ser considerada permanentemente estéril. Dessa forma, a descendência de Elcana estava garantida. No caso de Ana, porém, a sua descendência morreria com ela. A possibilidade de isso acontecer, fazia com que o coração de Ana se destruísse por dentro – “*Ana chorava muito e ficava sem comer*” (v. 7). Tristeza (v. 15), angústia e aflição (v. 16) se tornaram permanentes na vida de Ana. No coração dela, havia intenso sentimento de frustração sempre que o seu organismo falhava. Como não adiantava a Ana dar ordens ao seu corpo para que ele reagisse, a sensação de incapacidade tomava conta de sua alma.

O poeta, contista e cronista brasileiro Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987) escreveu: “*Nossa dor não advém das coisas vividas, mas das coisas que foram sonhadas e não se cumpriram. Sofremos por quê? Porque automaticamente esquecemos o que foi desfrutado e passamos a sofrer pelas nossas projeções irrealizadas.*”. Drummond estava certo. Por ainda não vivermos a realidade futura que idealizamos, nos ausentamos de viver o presente e, em razão disso, não obtemos lembranças saudosas quando recordamos o passado, bem como as realizações de Deus em nossa vida durante esse período. Quando os nossos sonhos não se realizam, o colorido da vida fica sem brilho e até mesmo a sua melodia perde o encanto.

Às vezes imagino como seria a vida de Ana se ela vivesse em nossos dias. Do ponto de vista da medicina, Ana certamente seria aconselhada a procurar os melhores especialistas em reprodução assistida do nosso tempo. Do ponto de vista da religião, ela seria induzida a frequentar os chamados cultos de libertação espiritual e quebra de maldições hereditárias, além de participar das campanhas e correntes de fé, cujas propostas são sempre milagrosas e sobrenaturais. Porém, nada disso produziria o efeito que Ana tanto esperava, porque o problema dela não era simplesmente físico. Também não havia qualquer ação maligna ou diabólica por trás da sua infertilidade.

No texto hebraico (v. 5), temos a expressão יְהוָה סָגַר רַחֲמָיו (Yahweh sagar ramah), que traduzida quer dizer “*Yahweh fechou o útero dela*”⁴. A esterilidade de Ana foi, então, resultado da ação direta de Deus, que nada ou ninguém é capaz de reverter, afinal, é o próprio Deus quem declara: “*Desde a eternidade, eu sou Deus; (...), não há quem possa desfazer o que eu fiz*” (Isaías 43.13 – NVT). De maneira que, quando é Deus quem coloca barreiras entre nós e aquilo que desejamos, não adianta empregar esforços humanos para solucionar o problema, fazer sacrifícios espirituais, nem entrar em guerra contra as “*hostes espirituais da maldade*” (cf. Efésios 6.12).

³ RICHARDS, Lawrence O.. *O guia do leitor da Bíblia: uma análise de Gênesis a Apocalipse capítulo por capítulo*. Trad. Alexandre Lacnit & Arsênio Novaes Netto. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. 181 p.

⁴ FRANCISCO, Edson de Faria. *Antigo Testamento interlinear hebraico-português: profetas anteriores*. Vol. 2. Barueri: SBB, 2014. 180 p.

3. O RECONHECIMENTO DA ADVERSIDADE COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO DE DEUS

A ordem de Deus às pessoas após o Dilúvio foi a de que fossem férteis, se multiplicassem e enchessem a terra (cf. Gênesis 9.1). Os casais dos tempos bíblicos levavam muito a sério esta ordenança e buscavam tantos filhos quantos fossem possíveis. Então, como esposa estéril em um casamento polígamo, Ana estava sujeita ao ridículo (cf. Gênesis 16.4). Ela estava espiritualmente arruinada, socialmente desfavorecida e psicologicamente deprimida. Na rua, ela era considerada pela sociedade como amaldiçoada e punida por Deus. Em casa, era vítima de provocações e zombarias constantes por parte da segunda esposa de Elcana (v. 6) – inclusive quando iam à casa do Senhor para adoração (v. 7). Até mesmo no local de culto e adoração a Deus, Ana foi tratada como bêbada e sem caráter pela liderança espiritual da época (vv. 12-14, 16). Contudo, por mais estranho que pareça, havia propósito divino em tudo isso. O objetivo de Deus era construir em Ana, características do tipo de pessoa que Ele deseja ver moldado em nós.

Por isso, em segundo lugar, **precisamos reconhecer que a adversidade muitas vezes é utilizada como instrumento pedagógico de Deus em nossa vida.** O apóstolo Paulo ensinou que as *“dificuldades e provações, (...) contribuem para desenvolvermos perseverança, e a perseverança produz caráter aprovado, e o caráter aprovado fortalece nossa esperança”* (Romanos 5.3-4 – NVT). Na mesma linha de raciocínio de Paulo, Tiago, irmão do Senhor Jesus, escreveu que *“quando nossa fé é provada, a perseverança tem a oportunidade de crescer. E é necessário que ela cresça, pois quando estiver plenamente desenvolvida nós seremos maduros e completos, sem que nada nos falte”* (cf. Tiago 1.3-4 – NVT).

Existem áreas da nossa vida que são aperfeiçoadas por Deus somente através da dor, da aflição. São pequenos “ajustes” feitos por Deus em nós e que, por causa do sofrimento por eles produzidos, não enxergamos e não compreendemos. Isso acontece porque *“nenhuma disciplina é agradável no momento em que é aplicada [tempo presente]; ao contrário, é dolorosa. Mais tarde, porém, [tempo futuro] produz uma colheita de vida justa e de paz para os que assim são corrigidos”* (Hebreus 12.11 – NVT). Como bem disse o teólogo e apologista cristão Timothy J. Keller, *“quando a dor e o sofrimento caem sobre nós, enfim percebemos que não estamos no controle das nossas vidas, e nunca estaremos”*.

Às vezes, assim como aconteceu com Ana, quando as coisas não dão certo para nós, somos vítimas de julgamentos infundados e de maledicência por parte das pessoas. Existem situações em que somos criticados até mesmo por aqueles que deveriam nos acolher e ser ombro amigo na hora da dor. Em algumas circunstâncias, o nosso desapontamento é tão grande, que até mesmo participar das coisas

do Senhor nos deixa sem alegria – *“Todos os anos era a mesma coisa: Penina provocava Ana quando iam à casa do SENHOR e, a cada vez, Ana chorava muito e ficava sem comer”* (v. 7).

Em momentos assim, lembremos que Deus tem projetos específicos para cada um de nós. Ainda que em certas ocasiões Ele atue de forma a impedir a realização de alguns dos nossos sonhos, os planos de Deus para nós são de prosperidade, esperança e futuro. Para cumprir esse objetivo Deus usa a adversidade, porque ela é capaz de fazer com que nós derramemos nossa alma diante do Senhor – *“Ana respondeu: ‘Meu senhor, não bebi vinho, nem outra coisa mais forte. Eu estava derramando meu coração diante do SENHOR, pois sou uma mulher profundamente triste’”* (v. 15).

Ana fez mais do que uma simples oração, como estamos acostumados a fazer. Ela derramou o coração diante de Deus. Quando derramamos a nossa alma diante do Senhor, e entregamos a Ele nossos sonhos e projetos, recebemos a paz (v. 17) e passamos a compreender as palavras de Deus através do profeta: *“‘Porque eu sei os planos que tenho para vocês’, diz o SENHOR. ‘São planos de bem, e não de mal, para lhes dar o futuro pelo qual anseiam. Naqueles dias, quando vocês clamarem por mim em oração, eu os ouvirei. Se me buscarem de todo o coração, me encontrarão. Serei encontrado por vocês’, diz o SENHOR”* (Jeremias 29.11-13 – NVT).

A oração feita com quebrantamento do coração não muda a Deus, muda a nós, principalmente nossa visão de Deus e das circunstâncias ao nosso redor. Não oramos até que Deus faça a nossa vontade. Nós oramos até que aceitemos a vontade dEle sobre nossa vida, planos e ações (cf. Mateus 6.10; 26.39). Oramos a Deus até sermos gratos a Ele pelo que temos, independentemente daquilo que nos falta (cf. Filipenses 4.11-12). Foi com esse conceito em mente que o apóstolo Paulo escreveu: *“Sejam gratos em todas as circunstâncias, pois essa é a vontade de Deus para vocês em Cristo Jesus”* (1 Tessalonicenses 5.18 – NVT). **Relacionamento com Deus baseado em troca de favores não é relacionamento, é comércio.**

Deus tornou Ana estéril porque, antes de formar um bebê em seu ventre, Ele precisava formar em Ana estrutura mental, espiritual e familiar; para que, uma vez tendo um filho, ela não o usasse como satisfação à sociedade que a julgava, nem como resposta aos ataques e provocações de Penina. Mas que ela visse o filho da forma como ele deveria ser visto, como *“presente do Senhor”* (Salmos 127.3 – NVT).

4. O RECONHECIMENTO DA SOBERANIA DA VONTADE DIVINA

Em terceiro e último lugar, precisamos reconhecer a soberania da vontade divina. O autor do livro de Provérbios afirma que *“é da natureza humana fazer planos, mas o propósito do SENHOR prevalecerá”* (Provérbios 19.21 – NVT). Com frequência Deus nos responde de maneira diferente daquilo que pedimos. Não é que Ele tem prazer em nos contrariar ou que não se importa conosco. Mas

é que Ele é infinitamente sábio. Ele vê o quadro completo. Nós enxergamos apenas poucas peças do quebra-cabeça da vida. Nem sempre pedimos o que é melhor para nós, os outros e para a glória de Deus. Por isso devemos, quando recebemos de Deus resposta diferente daquela que queríamos, procurar humildemente entender o caminho sábio de Deus em Sua providência para conosco.

Ana queria um filho, Deus queria um profeta. Ana queria uma criança para correr pela casa e brincar com ela, Deus queria um sacerdote para santificar o Tabernáculo e ungir reis. Ana queria alguém que futuramente exercesse a função do seu marido, Deus queria um representante e juiz, que conduzisse o povo de volta aos caminhos do Senhor (cf. 1Samuel 2.12, 13a, 17).


Nossos projetos não são projetos se não forem projetados pelo nosso Criador. Isso porque Deus não é biógrafo, que escreve nossa história baseado em nossos próprios atos; Deus é o autor de toda a vida, *“pois todas as coisas vêm dele, existem por meio dele e são para ele”* (Romanos 11.36a – NVT).

5. CONCLUSÃO

Deus não tem que caber em nossos planos. Somos nós que devemos nos encaixar nos planos dEle. **Dizer que Deus é fiel porque deu o que desejávamos, é o mesmo que afirmar que Ele não seria fiel se não tivesse dado.** Não podemos usar Deus – Ele não é ferramenta ou aparelho eletrônico que tem como função executar os nossos comandos. Aliás, essa é uma das diferenças entre religião e Evangelho, pois a religião vê a utilidade de Deus; o Evangelho vê a beleza de Deus.

Entregue seus sonhos e projetos ao Senhor. Descanse em Deus e Ele te dará paz! Adore ao Senhor – mesmo sem motivos – e Ele te dará mil motivos para adorá-Lo. Deus cumprirá, *“no devido tempo”* (v. 20), todos os planos que Ele tem reservado para você.

Depois que Ana falou com o sumo sacerdote Eli, ela foi para casa em paz..., mas não com a paz dada por Eli. Ana foi embora com *“paz de Deus, que excede todo entendimento”* (Filipenses 4.7 – NVT). É um tipo de paz que difere da que conhecemos. Sobre ela, o Senhor falou: *“Eu lhes deixo um presente, a minha plena paz. E essa paz que eu lhes dou é um presente que o mundo não pode dar. Portanto, não se aflijam nem tenham medo”* (João 14.27 – NVT). A paz que Deus nos concede faz com que entreguemos a Ele todas as nossas ansiedades, pois Ele cuida de nós (cf. 1Pedro 5.7). No entanto, não podemos nos enganar. Lançar sobre Deus todas as nossas ansiedades envolve, da nossa parte, exercício diário de fé, humildade, paciência e perseverança – características que é possível percebermos na vida de Ana.


 Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 06/12/2020, na Igreja de Cristo Pentecostal Internacional em Jardim do Estádio em Santo André/SP.

Autor: Herbert Pereira

[Copyright © 2021] – Todos os direitos reservados.



Kéryx Estudos Bíblicos e Teológicos – *Em Defesa da Verdade*

 Acesse: keryx.com.br

“Orem por mim, para que, no abrir da minha boca, me seja dada a palavra, para com ousadia tornar conhecido o mistério do Evangelho”
(Efésios 6.19 – Nova Almeida Atualizada)